



Destques

Menos aço

O consumo de aço no país só deverá voltar aos níveis pré-crise em 2012, segundo avaliação do Instituto Aço Brasil (antigo IBS). A queda prevista para este ano é de 22% em relação aos 24 milhões de toneladas de 2008. **B7**



Consumo interno de 2008 só será repetido em 2012

Siderurgia

Ivo Ribeiro
De São Paulo

O consumo de aço no país só deverá voltar aos níveis do ano passado daqui a três anos, em 2012, informou ontem Flávio de Azevedo, presidente do Instituto Aço Brasil (IABR), novo nome do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). Por conta da crise que afetou a economia mundial, e a siderurgia em cheio, a queda de consumo no mercado brasileiro prevista para este ano é de 22% comparado com 24 milhões de toneladas em 2008.

Segundo Azevedo, as medidas de estímulo do governo foram importantes, mas tiveram foco em alguns setores, como o automotivo, linha branca e construção. “O governo só pode retirar essas medidas quando houver sustentabilidade do crescimento econômico”. A indústria de base (máquinas pesadas e equipamentos) ainda tem fraca recuperação. “Vejo o futuro do setor com otimismo moderado”, afirmou.

Para o dirigente, que também preside o conselho de administração da fabricante de tubos V&M Tubes (grupo Vallourec) “o momento é de atenção e cautela”, afirmou, lembrando que uma das preocupações do setor é o câmbio. “A indústria de aço do país vendia de 30% a 40% da produção ao exterior, um mercado que sumiu no auge da crise”. Isso levou ao fechamento de seis alto-fornos até meados de junho. Desde então, quatro já voltaram a produzir.

A estimativa é de produção de 27,3 milhões de toneladas de aço

bruto neste ano, 19% abaixo do volume de 2008. Segundo o executivo, nos últimos três meses a demanda reagiu, levando o setor a operar com 70% em julho. “O segundo semestre será com certeza melhor que o primeiro”, lembrando que é preciso verificar se o crescimento é sustentável até o fim do ano e em 2010.

Azevedo disse que há preocupação com o elevado excedente de capacidade de produção no mundo em relação à demanda — cerca de 500 milhões de toneladas. Em outras épocas, como em 2001, isso levou a uma forte distorção dos preços e dos fluxos de comércio no setor.

As usinas, pela previsão da entidade, terão retração da ordem de 24% nas vendas ao mercado interno neste ano, enquanto as exportações, com recuperação desde junho, devem fechar com alta de 6,2%, em 9,75 milhões de toneladas sobre 2008, mas com queda de 35% em receita de venda (US\$ 5,2 bilhões).

Por ter sua imagem associada a outros setores ligados à siderurgia, a indústria fabricante de aço criou novo nome para sua entidade. O IBS desaparece e dá lugar ao IABR. A nova logomarca será apresentada hoje durante o 2º Encontro Nacional de Siderurgia, em São Paulo.

Azevedo afirmou que indústrias de ferro-ligas, fundições e guseiras eram vistas também como siderúrgicas. O executivo admitiu que o setor deseja desvincular-se da imagem negativa por conta de impactos ambientais em certas atividades desses outros setores. Uma pesquisa encomendada ainda pelo IBS mostrou que há pouca visibilidade do aço na vida das pessoas.